

PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS E A INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL¹

Maria dos Remédios Lima Silva²; Alexandre Anselmo Guilherme³

Eixo temático: Qualidade de Vida na Universidade

Resumo: Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa qualitativa realizada com professores universitários abordando a existência de uma inteligência escassamente estudada ou mesmo conhecida no meio acadêmico. Segundo o suporte teórico aqui apresentado, essa inteligência denomina-se como aquela inteligência que atribui sentido e significado àquilo que fazemos e por que fazemos desta ou daquela maneira, referindo-se, até certo ponto, à qualidade de vida do sujeito, ao cuidado de si mesmo, enquanto ser individual. Individual, contudo, com repercussões sociais. A questão central foi: Há uma “Inteligência Espiritual?” O estudo foi desenvolvido com cinco professores universitários de áreas distintas: Antropologia, Direito, Filosofia, História e Pedagogia, mesclando atuação discente nos setores privado e público. O Referencial Teórico leva em conta autores como Gardner, Goleman, Torralba, Wolman, Zohar e Marshall. Para tanto, a coleta de dados sucedeu-se através de questionários com perguntas de resposta aberta. Utilizamos a proposta metodológica de Severino para realizar a análise de documentos, por meio da análise de conteúdo subsidiada por este autor. Buscou-se evidenciar a compreensão dos relatos feitos, com os autores que sustentam esse estudo e nossas observações enquanto autores desse material. Constatou-se que a inteligência espiritual refere-se às questões existenciais independente de crenças ou fé religiosas. Mesmo que nunca se tenha estudado ou mesmo escutado algo sobre a temática, existe o reconhecimento dessa inteligência, que ultrapassa os padrões tradicionais conhecidos de inteligências. Nessa perspectiva, recomenda-se que haja inserção do estudo da inteligência espiritual no ambiente acadêmico como uma possibilidade de cuidado do corpo discente e, também, docente. Pretendeu-se, além disso, verificar a relevância desta área no existir e no cotidiano das pessoas.

Palavras-chave: Inteligência espiritual; Professores; Universidade.

Introdução

Na contemporaneidade prossegue-se com a hegemonia do pensar estritamente racional ou intelectual, responsável pela construção e resolução de teorias/conceitos por meio da ciência propriamente dita. Por muito tempo, propagou-se a inteligência racional como única responsável na atuação e resolução de muitos problemas que seriam solucionados por meio de um pensamento guiado pela lógica, regras e normas pré-estabelecidas. No entanto, com a

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutoranda em Educação. PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – ESCOLA DE HUMANIDADES. E-mail: maria.remedios@acad.pucrs.br

³ Professor Pesquisador PPGEduc. Editor Associado Revista Educação – PUCRS; Coordenador do Grupo de Pesquisas em Educação e Violência – GruPEV – ESCOLA DE HUMANIDADES. E-mail: alexandre.guilherme@pucrs.br

evolução da ciência, novos paradigmas vêm ocupando território e por vezes gerando novas teorias entre os especialistas.

Todavia, até o início do século XX, o QI (Quociente Intelectual) era reconhecido e considerado com o único fator que media a inteligência humana, por meio de padrões pré-estabelecidos. No entanto, nos anos 90, Howard Gardner, psicólogo norte-americano da Howard University defendeu a existência da teoria das inteligências múltiplas. Esse conceito trazia em sua essência o intuito de ultrapassar os modelos tradicionais de inteligências conhecidos até então, que poderiam ser quantificados unicamente através de testes identificados como psicométricos, os quais teoricamente buscavam mensurar aptidões mentais. Gardner referiu-se a uma série de áreas como possíveis espaços para o desenvolvimento de diversas potencialidades, as quais cada indivíduo poderia desenvolver em maior ou menor grau, dependendo do seu interesse. (GARDNER, 1995).

Nessa mesma época, Daniel Goleman⁴ tornou popular o conceito de inteligência emocional, expandindo, também, o conceito de inteligência. Essa abordagem propunha concebê-la de forma mais ampla, possibilitando, maior atenção no que se refere aos processos cognitivos, intelectuais e mesmo abstratos na mente humana. Esse autor defendeu que não bastava ser um gênio intelectualmente. Fazia-se mister saber lidar com as próprias emoções. Contemporaneamente, descobertas sinalizaram a existência de um terceiro quociente, o qual se refere à inteligência espiritual. Esta, segundo Torralba (2013), “faculta ao ser humano a análise valorativa da própria existência e dos ideais e horizontes de sentido da mesma” (p.10). O objetivo deste artigo será oferecer reflexões (ideias) alusivas à existência da inteligência espiritual segundo os sujeitos dessa pesquisa. Afinal, existe Inteligência Espiritual segundo esses professores universitários? Para que serve essa inteligência? Se existe, qual seria sua aplicabilidade no cotidiano? Acompanhemos no enredo do texto que segue.

Marco teórico

Ao longo da história da humanidade, a definição de inteligência acompanhou a evolução dos tempos, desde a Grécia Antiga até os dias atuais. Na mitologia grega, por exemplo, a inteligência era simbolizada por “Aglaiá”, figura que representava a mais jovem e

⁴ Daniel Goleman, Ph.D., autor do New York Times bestseller *Inteligência Emocional e Inteligência Social: A Nova Ciência dos Relacionamentos Humanos*. Goleman é um psicólogo internacionalmente conhecido que faz palestras com frequência para grupos profissionais, audiências de negócios e campi universitários. Trabalhando como jornalista científico, Goleman relatou sobre o cérebro e as ciências comportamentais para o New York Times por muitos anos. Seu livro de 1995, *Inteligência Emocional* (Bantam Books) estava na lista de best-sellers do The New York Times por um ano e meio; está disponível em todo o mundo em 40 idiomas e tem sido um best seller em muitos países. (Daniel Goleman. Disponível em: <<http://www.danielgoleman.info/>> Acesso em: 13 set. 2018)

bela das três Graças⁵. “Aglaiia - simbolizava a inteligência, o poder criativo e a intuição do intelecto. Era filha, como suas irmãs Eufrosina e Tália, de Zeus e da oceânide Eurínome.”

Nesse contexto da Grécia Antiga, segundo CAVE (2017) começa com Platão a história da inteligência. Lembra este autor que, na grande maioria de seus escritos, o filósofo atribui grande relevância ao pensamento (afirmação feita por Sócrates), declarando “que a vida não examinada não vale a pena ser vivida”. De uma realidade inebriada no misticismo e no mito, Platão surge com uma proposta nova. Defende que a verdade sobre a realidade somente pode ser acessada por intermédio da razão – em outras palavras, por meio da aplicabilidade da inteligência. Essa teoria foi apresentada na obra “A República”. Concluindo que um governante ideal seria “o rei filósofo”, acreditava que o mais inteligente deveria governar – seria uma “meritocracia intelectual”. E assim Platão lançou a ideia de que somente um filósofo poderia realizar este trabalho de governo adequadamente.

No século XX, o conceito de inteligência apresentado por Gardner refere-se à: “capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários” (GARDNER, 2000, p.14). Gardner (1995) relata que por muito tempo houve a predominância de um modelo de padronização da inteligência, pois acreditava-se que existia uma única inteligência. Esta era medida por meio de testes pré-estabelecidos. “Psicólogos desenvolveram instrumentos para classificar pessoas em graus de inteligências dos indivíduos, indicando suas habilidades e talentos. Quanto mais alto o QI do indivíduo, dizia a teoria, maior sua inteligência.” (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.17).

Todavia, existia muita confusão entre inteligência e memória. Esse autor afirma que, em tempos atuais, com a predominância memórias artificiais, com o cenário tecnológico cada vez mais avançado com inúmeros recursos ao nosso alcance, ter memória seria pouco relevante, e ser inteligente seria outra coisa. A partir desse contexto, qual seria uma possível definição para inteligência? Ultrapassando esse conceito, o que poderia caracterizar uma pessoa inteligente? “Uma pessoa inteligente é, de fato, uma pessoa que sabe separar o essencial do acidental, o valioso do que carece de valor, aquilo de que necessita para desenvolver uma determinada atividade daquilo que é irrelevante para a mesma” (TORRALBA, 2013, p. 16).

Gardner (1995), reconhecido como o teórico das inteligências múltiplas, defende uma ideia pluralista da mente humana que se revela por meio de facetas diferentes, compondo o universo de várias inteligências.

⁵ As Graças ou Cártes, na mitologia grega, são as deusas do banquete: concórdia, encanto, gratidão, prosperidade familiar e sorte, ou seja, as graças. Eram normalmente consideradas filhas de Zeus com Eurínome. (Dicionário InFormal. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/aglair/>>. Acesso em: 13 set. 2018)

Cada pessoa possui forças cognitivas separadas e estilos cognitivos diferentes. A partir dessa perspectiva, considera-se com muita seriedade uma visão multifacetada de inteligência. Rompe-se com a visão tradicional de inteligência que era difundida, como apenas a capacidade de enfrentar testes, respondendo a itens preestabelecidos (LIMA SILVA; GUILHERME, 2018, p. 3).

Nos anos 90, Daniel Goleman (1996) define a Inteligência Emocional como a “capacidade de identificar os nossos próprios sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos e de gerir bem as emoções dentro de nós e nos nossos relacionamentos” (p.20). Para esse autor, a inteligência emocional caracteriza-se, no que se refere ao sucesso ou insucesso das pessoas, como a maior responsável. A forma como os indivíduos se relacionam na sociedade, seja na família, no trabalho ou mesmo em outros grupos específicos, precisa de qualidades para sustentar um relacionamento sadio. “O QE dá-nos percepção de nossos sentimentos e dos sentimentos dos outros. Dá-nos empatia, compaixão, motivação e capacidade de reagir apropriadamente à dor e ao prazer.” (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p. 17).

Na perspectiva da teoria das inteligências múltiplas, além dos dois “Qs” conhecidos, “Quociente Intelectual (QI) e Quociente Emocional (QE),” alguns autores defendem a existência do Quociente Espiritual (QS). A física Zohar⁶ (2012) sustenta a existência desse terceiro “Q” afirmando que:

No do século XX, um conjunto de dados científicos, ainda não assimilados, mostrou-nos que há um terceiro “Q”. A descrição total da inteligência humana pode ser finalmente completada com a discussão da inteligência espiritual ou, abreviadamente, QS - Quociente Espiritual (Spiritual Quocient). Por QS refiro-me à inteligência com que abordamos e solucionamos problemas de sentido e valor; à inteligência com a qual podemos inserir nossos atos e nossa vida em um contexto mais amplo, mais rico, mais gerador de significados; à inteligência com a qual podemos avaliar que curso de ação ou caminho na vida faz mais sentido do que o outro. O Quociente Espiritual (QS) é o embasamento necessário para o funcionamento eficaz do QI e do QE. É a nossa inteligência final. (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p. 17-18).

Gardner (1995) apresenta inicialmente sete possíveis tipos de inteligências: Linguística; Lógica; Motora; Espacial; Musical; Interpessoal e Inteligência Intrapessoal.

⁶ Danah Zohar estudou Física e Filosofia no MIT e fez pós-graduação em Filosofia, Religião e Psicologia na Universidade de Harvard. Ela é Professora Visitante na Faculdade de Administração da Universidade de Guizhou, na China. Foi incluída no livro *Business Minds*, do Financial Times Prentice Hall, em 2002, como uma das “maiores pensadoras de gestão do mundo”. Atualmente reside em Inglaterra e é professora do Programa de Liderança Estratégica na Universidade de Oxford. (Danah Zohar. Disponível em: <https://www.wook.pt/autor/danah-zohar/25334> Acesso em: 13 set. 2018.

Futuramente o autor também reconhece a existência do terceiro “Q”, que denomina de inteligência moral ou espiritual, como podemos acompanhar:

A inteligência moral ou espiritual serve como uma candidata razoável para uma oitava inteligência, embora existam razões igualmente boas para considerá-la um amálgama da inteligência interpessoal e da inteligência intrapessoal, com um componente do valor acrescentado. O que é moral ou espiritual depende imensamente dos valores culturais; ao desenvolver as inteligências, nós estamos lidando com capacidades que podem ser mobilizadas pelos valores de uma cultura, e não pelos comportamentos que são, eles próprios, valorizados de uma maneira ou outra (GARDNER, 1995, p. 46).

Em termos gerais, pelo contexto de sociedade e ao mesmo de academia, não é abordada pacificamente a temática da inteligência espiritual. “Estamos conscientes de que a expressão inteligência espiritual pode suscitar, em nossa área cultural, certas perplexidades e incompreensões por múltiplos motivos.” (TORRALBA, 2013, p. 8). Vemos essa ideia reafirmada: “A inteligência espiritual tem sido tópico embaraçoso para acadêmicos porque a ciência atual não está preparada para estudar coisas que não possa mensurar objetivamente” (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.24).

Entretanto, inicialmente, quando se fala em Inteligência Espiritual, as pessoas tendem a associar a um segmento religioso, uma crença determinada. E esse preconceito já cria inicialmente um distanciamento do assunto. Ousados são aqueles que se dispõem a conhecer essa nova inteligência e sua função. Na verdade, para Zohar e Marshall (2012), ela “é uma capacidade tão antiga quanto a humanidade”. O estranhamento dessa temática é fato, pouco se sabe, ou mesmo se estuda na academia, quando falamos do hall das inteligências múltiplas. Segundo o que se tem de conhecimento, o conceito de inteligência espiritual foi desenvolvido pela primeira vez de forma sistematizada por Zohar e Marshall (2001), quanto Torralba (2013) defendem que a inteligência espiritual não é domínio de algum credo religioso:

A inteligência espiritual não é propriedade de um determinado credo confessional religioso. O ser humano possui essa capacidade independente de crenças religiosas; mesmo que todo indivíduo possua necessidades de ordem espiritual, ele pode desenvolver-se dentro ou fora de alguma tradição religiosa. (TORRALBA, 2013, p.13).

Corroborando essa ideia, Zohar e Marshall argumentam:

O QS não mantém uma conexão necessária com a religião. Para algumas pessoas, o QS talvez encontre um modo de expressão pela religião tradicional. Ser religioso, porém, não garante um QS elevado. Diversos humanistas e ateus têm um QS muito elevado; inúmeros

indivíduos religiosos apresentam um QS baixíssimo. Estudos realizados pelo psicólogo Gordon Allport⁷ há cinquenta anos demonstram que há mais pessoas que passam por experiências religiosas fora dos limites das instituições religiosas que dentro delas. (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p. 22).

Para tanto, a definição de inteligência espiritual transcende o que seu vocábulo encerra em si. “A inteligência espiritual é a capacidade humana de fazer as perguntas fundamentais sobre o significado da vida e de experimentar simultaneamente a conexão perfeita entre cada um de nós e o mundo em que vivemos” (WOLMAN, 2001, p. 15). Caracteriza-se com uma capacidade que permite múltiplos desenvolvimentos e experiências. Ou seja, “A inteligência espiritual faculta ao ser humano a análise valorativa da própria existência e dos ideais e horizontes de sentido da mesma, porém também abre outras possibilidades que não estão contidas no termo existencial” (TORRALBA, 2013, p.10). No entanto, reconhecer a existência da inteligência espiritual (QS) poderia ser uma possibilidade de pautar inúmeras questões existenciais que não encontram respostas no vácuo da correria cotidiana. Assim, é possível conceber que:

Qualquer que seja a sua origem, parece-me que a abordagem mais útil à questão da inteligência espiritual seja construída, no mínimo, como uma forma de fazer parte do mundo e experimentá-lo de uma maneira que conecte uma noção do que é sagrado a atividades e relacionamentos cotidianos (WOLMAN, 2001, p. 114).

Metodologia

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem metodológica qualitativa. Teve seu respaldo na teoria de Flick (2009), na qual afirmou: “a pesquisa qualitativa é orientada para análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (FLICK, 2009, p. 28). Corroborando essa abordagem, Triviños (1987) assim argumentou: “Uma das grandes postulações da pesquisa qualitativa é a de sua atenção preferencial pelos pressupostos que servem de fundamento à vida das pessoas.” (p.130).

O tratamento dos dados qualitativos, juntamente com a análise dos relatos, sucedeu-se pela análise de conteúdo, conforme Severino (2000), em sua fase inicial (seleção das falas/

⁷ Gordon Allport (1897-1967) nasceu em Montezuma, Indiana, EUA. Estudou psicologia em Harvard, onde durante o curso realizou atividades de serviço social, especializando-se em psicologia e ética social. Concluiu a pós-graduação em 1922, quando apresentou a tese “Estudo Experimental dos Traços de Personalidade”. Após retornar da Europa em 1924, tornou-se instrutor de ética social em Harvard. (FRAZÃO, Dilva. Biografia de Gordon Allport. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/gordon_allport/> Acesso em 13 set. 2018).

temas), com aproximações com os autores e nossa reinterpretação. Já a coleta de dados foi realizada com entrevistas feitas por meio de um questionário com questões semiestruturadas. Para tanto, a leitura crítica e reconstrutiva dessa foi realizada tendo em vista as seguintes questões: Você conhece ou ouviu falar em inteligência espiritual? Comente; Você concorda que existe uma inteligência espiritual no ser humano? O que é inteligência espiritual para você? A partir da teoria das inteligências múltiplas, cada inteligência possui uma função no cérebro humano, em sua opinião qual seria a função da inteligência espiritual? Você acredita que a inteligência espiritual estaria relacionada ou vinculada a alguma religião ou filosofia de vida? Comente. Em seu ponto de vista, o que seria uma pessoa com uma inteligência espiritual desenvolvida?

Resultados

Essa abordagem de análise procurou atender a demanda do objetivo geral desse estudo, referente à existência da Inteligência Espiritual, sob a visão de professores universitários de diferentes áreas: Antropologia, Direito, Filosofia, História e Pedagogia. As falas serão identificadas unicamente pela letra inicial de cada curso (A-D-F-H-P). Contatados os cinco sujeitos do estudo para socialização do seu objetivo, foi entregue a eles um questionário, cujas questões já foram descritas na metodologia.

Inicialmente, contextualizamos o grupo dos professores universitários divididos em ciências jurídicas e ciências sociais. 60% dos entrevistados não tinham conhecimento algum em relação à temática da inteligência espiritual. Contudo, tinham algum conhecimento de maneira ampla, no que tange à teoria das inteligências múltiplas, mas nada específico. Um dos entrevistados afirmou que *“até o momento, não havia escutado sobre inteligência espiritual”* (ENTREVISTA – A). Em geral, o assunto da Inteligência Espiritual foi novidade ou mesmo uma espécie de estranhamento para os sujeitos entrevistados. Outro assim relata: *“Acho que inteligência espiritual deve ser a inteligência de saber e se relacionar com seu próprio ‘espírito’, com seu eu, com os ‘espíritos’ dos demais, ou seja, com as outras pessoas, com a sociedade e também com o mundo, o cosmos/universo”* (ENTREVISTA – H). Outro entrevistado assim referiu-se:

Na verdade, não sei. Imagino que a inteligência espiritual seja algo tipo saber buscar a paz consigo mesmo, encontrar os sentidos da vida e as razões para a própria existência, conectar-se com o mundo e com as pessoas que nele vivem entendendo os motivos para estar nesse mundo e sua "missão" no mundo (ENTREVISTA – F).

Outros mencionaram ter ouvido superficialmente referências sobre o assunto, contudo disseram que não teriam argumentos para explicitar algo teoricamente sobre a temática: “*Sim, já ouvi em conjunto, quando criaram as nomenclaturas das inteligências (emocional, artificial...), que seria uma dimensão pouco desenvolvida ou pouco valorizada entre as pessoas*” (ENTREVISTA – F). Todavia, mesmo os entrevistados não tendo tanta propriedade sobre o assunto, ousaram defini-la a partir de suas próprias experiências. “*Penso que é uma dimensão que as pessoas têm possível de ser desenvolvida. Algo diferente da dimensão psicológica. A espiritual seria o relacionamento com aquilo que chamamos de absoluto, deus, isto é, uma dimensão que também está fora do ser*” (ENTREVISTA – A). A entrevista - H relacionou a existência da inteligência espiritual com um possível vínculo a uma religião ou filosofia de vida. Segue o relato:

Acredito que a inteligência espiritual esteja vinculada a uma religião ou filosofia de vida ou uma mescla entre elas, pode ser até uma espiritualidade eclética e sincrética, especialmente hoje quando a relativização é quase uma norma. Pode uma pessoa com uma crença desenvolver sua espiritualidade, seja mais ou menos mística, trata da forma como se relaciona com seu eu, com a alteridade e com seu deus (ou outro apelido). A religião pode ser algo que oprima ou que liberte o ser às suas potencialidades. A religião viva, com uma espiritualidade pode ser como uma borboleta em voo, enquanto uma religião que dissemina preconceitos seria como uma borboleta...pregada num quadro (bonitinha, mas morta). (ENTREVISTA – H).

A dimensão comum descrita nos relatos aborda questões referentes ao sentido da vida, às próprias escolhas, projetos e à forma de se relacionar consigo mesmo, com outros e com o universo. “*É a dimensão do ser humano que trata das questões essenciais da pessoa, que faz com que a pessoa dê um sentido para a sua existência. É o que nos ajuda a elaborar nossos projetos de vida e a termos criatividade no dia a dia*” (ENTREVISTA – H). As respostas pontuaram questões significativas referentes a compreensão do sentido da vida, altruísmo, buscas, ao viver por um caminho reto, íntegro, com equilíbrio entre ciência e fé, emoção e razão e ainda à busca por valores imateriais que não são passíveis de quantificação. Essa ideia pode ser respaldada na teoria de Wolman, a qual afirma que “a inteligência espiritual não requer necessariamente fazer; também permite simplesmente ser. A mensuração da inteligência irá claramente requerer um tipo diferente de processo do que a mensuração analítica ou linguística de outras inteligências” (WOLMAN, 2001, p.117).

Na interface desse jogo de conceitos, a subjetividade do sujeito é identificada como destaque na compreensão da inteligência espiritual: “*agirmos de maneira ética e dando*

sentido a tudo aquilo que fazemos; acredito que a inteligência espiritual é o que nos diz que fazer o bem é bom e muda os rumos da vida quando vemos que não estamos plenos naquilo que realizamos” (Entrevista – F). Percebeu-se nesse ensaio e na análise preliminar desenvolvida que a busca pelo sentido da vida permeou o foco principal das respostas, mesmo todos dizendo que não tinham apropriação sobre o assunto em questão. As respostas evidenciaram o anseio de uma vida feliz ancorada em valores, projetos, sentidos em relação com o outro, consigo mesmo e com o cosmo. *“Trata de uma dimensão da vida do ser; a linha que separa a psicológica é muito tênue” (ENTREVISTA – A).* Inteligência espiritual estaria relacionada com a experiência humana possível do sagrado, do divino, do extraordinário e transcendental. De acordo com o exposto, a terminologia de inteligência espiritual era desconhecida para a maioria dos entrevistados.

Nos depoimentos proferidos, encontram-se presentes possíveis atribuições, ou mesmo características, do que poderia ser uma pessoa com uma inteligência espiritual desenvolvida. Na verdade, são hipóteses dos entrevistados: *“...uma pessoa que enxerga os outros ao seu redor, sabe se relacionar com eles e se compreende num coletivo; que entende a vida e o mundo como um todo, algo que tem um significado maior do que o mero nascer, viver e morrer de um indivíduo” (ENTREVISTA – D).* Enfatiza-se a importância de se ter uma vida fundamentada em princípios, em valores que transcendam a realidade material. Nos referidos depoimentos observa-se o destaque para atitudes em prol do bem-comum, para conexões conscientes consigo mesmo, com os outros e com o universo – interação que atribui sentido e significado à existência humana. *“É uma pessoa que sabe para o que veio ao mundo e que ela tem um papel a cumprir nesse mundo, e não vive por viver, ou nem tampouco deixa simplesmente a vida a levar”.* (ENTREVISTA – P). Nessa perspectiva, faz sentido citar Wolman (2001), quando apresenta sobre a questão da subjetividade fazendo alusão à inteligência espiritual:

A inteligência espiritual pode ser vista como uma metodologia para a solução de problemas morais. Entretanto, pode não haver nenhum problema requerendo solução, mas um evento a ser experimentado. Nesse caso, a conexão a momentos sagrados ou inefáveis reforça essa porção de nossa metáfora da inteligência espiritual como pura subjetividade (WOLMAN, 2001, p. 116-117).

Considerações

Este artigo discutiu alguns aspectos relativos à existência da inteligência espiritual sob o olhar de cinco professores universitários. Inicialmente acompanhou-se uma discussão

teórica a partir da origem da inteligência humana e sua evolução ao longo da história da humanidade. Constatou-se que as três inteligências básicas – identificadas como QI, QE e QS – abrangem um amplo universo das inteligências múltiplas. Todavia, nenhum “Q” separado seria suficiente para explicar a enorme complexidade da inteligência humana, tampouco a imensa riqueza da alma do ser humano. Numa relação de cumplicidade, as inteligências se complementam e funcionam de acordo com a dinâmica de cada pessoa. Todavia, nenhuma inteligência seria superior à outra.

Percebeu-se que a definição de inteligência espiritual confere sentido ao agregar-se, complementariedade aos aspectos emocional e racional, emergindo como uma nova e possível visão para pensar o comportamento humano. Acredita-se que a inteligência espiritual presente em cada mulher e homem pode se constituir como fundamentação à busca do desenvolvimento sustentável, integrando as dimensões cultural, objetiva e subjetiva de encontro às interações dissociativas e predatórias do planeta. Nessa percepção, a inteligência espiritual foi reconhecida como a inteligência da alma, faculdade que permite aos seres humanos serem criativos, resilientes, reflexivos e questionadores frente à realidade presente: usufruem da capacidade de fazer escolhas conscientes, a partir de um senso moral com questões acerca do bem e do mal, e imaginar possibilidades irrealizadas – sonhar, aspirar, superar situações difíceis e projetar novas possibilidades de alternativas.

Considerando os retornos obtidos, constatou-se que a inteligência espiritual refere-se às questões existenciais independente de crenças religiosas. Dos sujeitos entrevistados participantes dessa pesquisa, os que se declaram ateus demonstraram maior envolvimento com a temática, e por vezes, identificaram facetas em suas vidas, como possíveis retornos da prática da inteligência espiritual em seu cotidiano. Mesmo que nunca se tenha estudado ou mesmo escutado algo sobre esse tema, existe o reconhecimento dessa inteligência, que ultrapassa os padrões tradicionais conhecidos de inteligências.

Nessa perspectiva, recomenda-se que haja inserção do estudo da inteligência espiritual no ambiente acadêmico, como uma possibilidade de cuidado do corpo discente e também docente. Essa nova inserção poderia ser uma oportunidade apresentada como possibilidade para contribuir com a superação do tal vazio existencial presente nas relações humanas.

Referências

CAVE, Stephen. **Intelligence:** a history. 21 fev. 2017. Disponível em: <https://aeon.co/essays/on-the-dark-history-of-intelligence-as-domination>. Acesso em: 13 set. 2018.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GARDNER, Howard. **Inteligência: um conceito reformado**. [S.l.]: Editora Objetiva, 2000.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

LIMA SILVA, M.R; GUILHERME, A, Alexandre. **Inteligência Espiritual na Educação**. In SIPASE, IV, 2017, Porto Alegre. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/sipase/assets/edicoes/2018/arquivos/35.pdf>
Acesso em: 13 set. 2018.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2000.

TORRALBA, Roselló Francesc. **Inteligência Espiritual**. Tradução João Batista Kreuch. 2. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. São Paulo: Atlas, 1987.

WOLMAN, Richard. **Inteligência espiritual: um método revolucionário para você avaliar e expandir seu nível de consciência espiritual**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. **Q S: Inteligência espiritual**. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Viva Livros, 2012.